

Adeus, Colégio Estadual do Paraná!

Prof. GUILHERME BUTLER

«Good-bye, Mr. Chips!» balbuciei o pequeno Linford ao despedir-se do professor. Foram estas as últimas palavras que o velho mestre me popular história de James Hilton ouviu de um dos seus alunos. Quando, há pouco tempo, ouvi, pela última vez, semelhantes palavras dos meus alunos e colegas no Colégio Estadual do Paraná, emoções estranhas e desconhecidas invadiram-me o coração. E, quando alguns amigos desejaram saber como me sinto agora, quando separei os laços que me prendiam durante trinta anos a este notável estabelecimento de ensino, resolvi apelar, mais uma vez, para a conhecida generosidade da GAZETA DO POVO e pedir um cantinho nas suas páginas, afim de satisfazer esse desejo destes e de outros amigos.

O sentimento mais forte que se apodera do meu coração, quando penso na minha vida e no meu trabalho no Colégio Estadual do Paraná, é o de profunda gratidão ao Poder que dirige os destinos humanos, pelo grande privilégio que me concedeu de ter podido contribuir uma parcela, ainda que insignificante, para a instrução e a formação do caráter de várias gerações de cidadãos do Paraná. Entre os meus antigos alunos há um governador, vários deputados, juizes, oficiais do exército e muitos distintos membros de todas as profissões, alguns dos quais alcançaram altos postos e exercem forte influência nos destinos do seu Estado e da Pátria. Na verdade, é grande distinção de ter estado em contacto com estes homens eminentes durante os anos da formação do seu caráter.

Encho-se o meu coração de gratidão também, quando penso nas oportunidades que o meu trabalho de professor me ofereceu para conhecer o Brasil. Aproveitei as férias para fazer extensas excursões, de modo que agora tenha a grata satisfação de ter pisado em todos os vinte Estados da gigantesca terra brasileira, de ter admirado as suas insuperáveis belezas naturais e de conhecer os diferentes tipos do seu heróico povo. É uma experiência que não trocaria nem por um lindo palacete e um luxuoso automóvel.

Permeiam este sentimento de gratidão e exaltação a contrição e humilhação que sinto, quando penso nos meus erros de comissão e omissão que não faltaram. Este sentimento de rebaixamento, contudo, fica abrandado, quando leio os inúmeros discursos em meu poder, em que, no fim do ano letivo, os meus alunos reconheciam os meus esforços em seu favor e me agradeciam os ensinamentos ministrados. Eis um pequeno trecho de uma prolongada exuberante efusão de reconhecimento e afeto: «Caro Professor Butler: Fostes sempre para nós alvo de nosso respeito e dedicação, implantando em nosso espírito a luz do saber e germinando eterna recordação amiga do nosso professor de inglês, etc., etc.» Extravagância juvenil, mas nem por isso faz bem ao coração.

Trabalhei durante a administração de dois presidentes, dois governadores e quatro inventores no Estado do Paraná e sob oito diretores do estabelecimento. Nestes trinta anos acompanhei com crescente interesse o gigantesco progresso que o Brasil fez durante este tempo. Com satisfação e orgulho notei todos os movimentos em direção de bem-estar, de sanidade e de concórdia, como também inquietei-me com as lutas estereis e os mal-entendidos e as obstinações entre os irmãos. Vi Curitiba se transformar de uma pacata cidade provincial em uma metrópole de arranha-céus. O pequeno Ginásio Paranaense, que no começo das minhas atividades contava 80 alunos, metamorfoseou-se no soberbo Colégio Estadual com 3.000 alunos. A contem-

plação destes fatos faz-me vibrar o coração de satisfação. E é a satisfação o terceiro sentimento que invade o meu coração ao despedir-me do querido lugar.

Deixo, assim, o convívio com os colegas e os alunos de coração transbordante de gratidão e satisfação, lastimando somente de não ter podido alcançar tudo que almejava no exercício da minha profissão e no cumprimento dos meus deveres.

Os meus oito diretores foram todos homens de marcantes qualidades, eficientes e escrupulosos no desempenho das suas obrigações, cada qual de acordo com os seus dons especiais. O nobre Se-

bastião Paraná, polígrafo e famoso geógrafo, amigo e protetor de todos. Lysimaco Ferreira da Costa, organizador e administrador consciencioso e clarividente. Algacyr Munhoz Maeder, moço dinâmico e de grandes esperanças que não deixaram de se realizar. Padre Torres, meigo e amável conciliador e animador. Guido Straube, cientista notável, que reorganizou e enriqueceu o museu natural e aperfeiçoou o material escolar do estabelecimento. Francisco Villanueva, o grande democrata que nunca fechava a porta da diretoria e o coração a todos que o procuravam. José Nicelau dos Santos, amigo fidalgo de alunos, professores e funcionários. Francisco José Gomes Ribeiro, escrupuloso cumpridor de todas as leis e de todos os regulamentos, que se ergueu um monumento imperecível como criador da esplêndida biblioteca do estabelecimento. Adriano Carlos Gustavo Pobine, afável cavalheiro par excellence, grande amigo da música e da pintura, que nos deu a nossa maravilhosa discoteca e magnífica pinacoteca.

De cada um destes eminentes brasileiros recebi algo que ficou indelevelmente gravado na minha alma.

Fui também feliz no sentido de ter como colegas professores distintos, autoridades nas suas respectivas cátedras e educadores exímios. Para não abusar da generosidade dos redatores da GAZETA DO POVO, vou mencionar somente um: o grande Dário Vellozo, profeta e sacerdote que moldava os corações da mocidade como o oleiro molda o barro.

Durante todo o tempo das minhas atividades de professor conservava sempre perante os olhos o ideal da educação, a saber, preparar a mocidade para ser bom cidadão, bom cônjuge e bom trabalhador e inculcar sólida cultura. O homem educado para mim, como procurei mostrar na minha oração de paraninfo, foi e é uma pessoa que fala corretamente, raciocina logicamente e age proficuamente e que se comporta dignamente e não permanece atrofiada no seu desenvolvimento intelectual e espiritual, mas continua sempre crescendo.

Na debatida questão da decadência do ensino secundário tenho a minha opinião própria. Penso que uma boa parte da culpa quanto aos resultados pouco satisfatórios do nosso trabalho é nossa. Frequentemente somos generosos demais com as nossas notas, deixando passar alunos que deviam

repetir a matéria. As vezes não verificamos se todos membros da turma compreenderam bem as nossas explicações. E, afinal, a questão das faltas. Sei de casos em que, para ganhar o suficiente para a sua vida, o pobre professor dá aulas em vários estabelecimentos e por falta de condução regular e devido aos diferentes horários é obrigado a faltar frequentemente. É claro que em tais casos os resultados do trabalho não podem ser o que deviam ser.

Quizeram também os amigos saber o que vou fazer agora. Dizem que quem deixa subitamente de trabalhar vai logo para o cemitério. Como eu ainda não queria transferir a minha residência para aquele lugar, terei que procurar alguma ocupação adaptada às minhas forças e capacidades. Sei que para gozar a velhice há dois requisitos insubstituíveis: a posse de suficientes meios de subsistência e a saúde. Devido à última classificação dos professores secundários pelo governo estadual, tenho a minha subsistência garantida, isto é, se Getúlio não permitir que os preços dos mantimentos subam. Quanto à conservação da saúde, vou estudar a geriatria, a ciência que en-

sina como os velhos podem amenizar as suas agruras e conservar-se úteis. Professor Pitkin, autor do conhecido livro A VIDA COMO MECA DEPOIS DE QUARENTA, afirma no seu último livro, THE BEST YEARS (Os melhores anos), que a velhice pode ser até o melhor e o mais agradável período na vida do homem. Vou experimentar os conselhos dele e ver os resultados.

Não me esqueço também de que a velhice apresenta a última oportunidade para purificar a alma de todos os traços de inveja, ódio e malícia, para, assim, entrar em plena harmonia com o universo. E quando penso no vasto mundo de conhecimentos que ainda não explorei e na minha esplêndida biblioteca que com tantos sacrifícios criei, não vejo a possibilidade de minha vida se tornar insípida ou tediosa e fastidiosa.

A passagem literária que na minha presente situação mais fortemente atrai para o meu coração acha-se em ULYSSES de Tennyson. Depois de ter passado o governo da sua ilha ao filho Telêmaco e se despedido de Penélope, sua fiel esposa, dirige-se Ulisses a seus velhos companheiros com as seguintes palavras:

You and I are old;

Old age hath yet his honour and his toil;
Death closes all: but something ere the end,
Some work of noble note, may yet be done,
Not unbecoming men that strove with Gods.

Though much is taken, much abides; and though
We are not now that strength which in old days
Moved earth and heaven; that which we are we are;
One equal temper of heroic hearts,
Made weak by time and fate, but strong in will
To strive, to seek, to find, and not to yield.

Adeus, Colégio Estadual do Paraná! Aceita os agradecimentos sinceros por tudo que fizeste para o autor destas linhas. Que Deus te faça sempre prosperar na tua gloriosa e exalta missão!